

Erotismo e mídia: pontos de partida para uma análise histórica

Luciana Rosar Fornazari Klanovicz¹

Resumo: Este artigo discute o erotismo e a mídia brasileira na década de 1980, por meio de um debate teórico interdisciplinar. Pretende-se, assim, discutir pontos de partida para uma análise histórica das relações existentes entre história e erotismo. A erotização dos corpos debatida pela imprensa dos anos 1980 é específica: trata de uma vontade de saber sobre as práticas e relações de homens e mulheres. O discurso produzido esteve destinado a poucos, na medida em que alcançar os padrões que ligavam estética/plástica corporal ao erotismo mostravam-se, na maioria das vezes, difíceis de conseguir.

Palavras-chaves: Erotismo, Mídia, História.

Neste artigo pretende-se discutir a emergência do tema “erotismo” na cultura brasileira dos anos 1980, a partir de uma leitura historiográfica, das relações do campo erótico com a imprensa. Pretende-se, assim, discutir pontos de partida para uma análise histórica das relações existentes entre história e erotismo.

No Brasil, o fim da censura (1985), e a nova Constituição da república (1988) marcaram o fim do regime militar, e aceleraram a redemocratização das instituições políticas. A redemocratização não gerou apenas expectativas: “houve até um período em que uma atitude mais ousada era vista como positiva depois de tantos anos de chumbo”.² Um dos exemplos dessa “ousadia” positiva foi a veiculação mais intensa de imagens eróticas na mídia nacional, antes restrita e presa a programas televisivos e publicações censurados, e que agora, com o fim da censura estatal, parecia ter encontrado espaço e público cativos.

A TV foi o principal veículo difusor de novas sensibilidades relativas ao que se via e ao que se ouvia, e o erotismo era uma das temáticas que percorriam esses sentidos. Por conseguinte, a imprensa escrita foi o local de problematização da emergência do erotismo na mídia. Revistas como a *Veja*, ora comemoravam a exibição de imagens eróticas como atitude legítima de um período de liberdade de expressão, ora promoviam campanhas por uma “liberdade cautelosa” e por um tipo particular de erotismo (preferencialmente heterossexual e normatizado).

A imprensa acabou catalisando o debate sobre os rumos nacionais, ao cobrir um amplo espectro do

Abstract: This article discusses eroticism and the Brazilian media in the 1980's, by means of a theoretical, and interdisciplinary focus. It discusses preliminary points for a historical analysis of the existing relations between history and eroticism. The erotization of bodies debated by the Brazilian 1980's press is peculiar: it deals with a will to know about practices and relations of men and women. The produced discourse was destined to few individuals, because the standards that bound aesthetic/plastic bodies to the eroticism they revealed, were difficult to obtain it.

Keywords: Eroticism, Media, History.

cotidiano, que ia das questões ligadas ao Estado aos comportamentos privados. Na imprensa escrita, a revista *Veja* acabou estruturando-se como a principal divulgadora e promotora do debate sobre o erotismo na sociedade da época, conceituando-o e problematizando-o em relação à censura, tanto àquela oficial que vigorou até 1985, como àquelas mais horizontais, difundidas no mundo cotidiano, não institucionalizadas, indiretas, tidas como necessárias à manutenção de uma sociedade moralista e de bons costumes, que escapava de um regime de exceção.

Por meio da análise da revista *Veja* pode-se perceber a relação que os mecanismos de censura teceram com o erotismo produzido na comunicação de massa e, principalmente, a maneira pela qual o público, ao ler a revista, recebeu, divulgou, comentou, opinou e até exigiu e demandou determinadas práticas de censura horizontais ao longo da década de 1980 no Brasil. Do universo da mídia televisiva e escrita, a revista *Veja* pode ser considerada como o espaço editorial privilegiado no que diz respeito à visibilidade da constituição de um determinado discurso sobre o erotismo, em meio às mudanças advindas da transição política ditadura/democracia.

O Campo do Erótico

O erotismo tem sido objeto de análise, principalmente, por parte da Psicologia. É possível encontrar, também, trabalhos recentes que o utilizam como temática central em outros campos do

¹Doutora em História. Pós-doutoranda no Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas da UFSC (Bolsista PNPd-CAPES). Publicou artigos no Brasil nas revistas “Estudos Feministas”, “História Unisinos” e “Caderno Espaço Feminino”, além de ter artigos no prelo nas revistas “Polémicas Feministas” (Córdoba, Argentina), “Women's Studies” (California, EUA) e “Luso-Brazilian Review” (Wisconsin, EUA). Interesses atuais de pesquisa: Gênero e Ciência (Engenharias), Corpo e Erotismo, História e Relações de Gênero no Cone-Sul. E-mail: lumerosar@yahoo.com e lucianarfk@gmail.com

²LÉO JAIME (Leonardo Jaime). *Entrevista concedida a Luciana Rosar Fornazari Klanovicz*. Florianópolis/SC, 31 jan. 2008.

conhecimento, especialmente fora do Brasil. A principal obra que trata historicamente do tema, no Brasil, é uma tradução de um livro organizado pela historiadora estadunidense Lynn Hunt: *A Invenção da Pornografia*.³ Nessa obra estão reunidos artigos que analisam a pornografia e sua relação com a literatura e, especialmente, como forma de manifestação política ao longo da Idade Moderna. No Brasil, a grande maioria dos textos acadêmicos analisa o campo do erótico por meio da perspectiva da Arte e/ou da Literatura e destina-se a problematizá-lo na cultura do século XIX, deixando em segundo plano o século XX.

O erótico é uma construção sociocultural, ligado às estruturas de poder que permeiam a experiência. A relação entre poder e erotismo só é entendida situando o erótico em relação a outros sistemas que examinamos. Ele é um sistema alternativo àqueles campos da sexualidade, do desejo, e do gênero. Segundo Richard Parker,

Precisamos entendê-lo [o erótico] não apenas por si mesmo, mas como alternativa para esses outros sistemas. Se tanto gênero como sexualidade são definidos [...] pela diferenciação, distinção e hierarquia, o erótico subverte suas ordens. Destruindo as separações da vida diária nos fugazes momentos de desejo, prazer e paixão, o erótico oferece uma alternativa anárquica à ordem estabelecida do universo sexual: uma alternativa na qual a única regra absoluta é a transgressão das proibições.⁴

O campo do erótico é marcado pelo desejo, que em vez de seu objeto ou fim específico, se torna o centro da atenção. Aí cabe, portanto, uma derivação, que separa o primeiro conceito do segundo. O desejo é considerado positivo em si mesmo e o objeto do desejo é menos importante do que as sensações físicas que ele produz.⁵ Ainda sobre o desejo, Félix Guattari o inseriu no campo do social. Para ele, “aquém do indivíduo e do corpo, existem singularidades complexas que não podem ser rotuladas.”⁶ Trata-se, portanto, de desejo e não de sexualidade. Se, por um lado, o desejo é construído por meio de um simbolismo cultural complexo, a sexualidade como conceito ganhou contornos científicos no final do século XIX, em virtude do campo teórico da Psicanálise, a qual ampliou e deslocou seu foco de atenção.

A Psicanálise teorizada por Sigmund Freud (1856-1939) avançou nos estudos relativos à sexualidade

humana, na medida em que problematizou a exigência reprodutiva da sexualidade, ao definir essa última primordialmente pelo erotismo. Ao conferir importância ao erotismo, “a sexualidade foi retirada do registro concreto do comportamento e alocada então em outros destinos da subjetividade.”⁷

De acordo com Joel Birman, a atmosfera científica do século XIX relativa à sexologia no Ocidente foi formulada por Richard von Krafft-Ebing (1840-1902). A concepção sobre a sexualidade vigente no século XIX a caracterizava como:

sendo algo do registro biológico do instinto, dependente da maturidade gonadal e da produção de hormônios sexuais. Enquanto instintiva a sexualidade foi concebida como tendo um único objeto. Este seria pré-fixado pela natureza, não admitindo qualquer variação possível no registro biológico. A genitalidade de um outro sexo seria para o sujeito o único objeto erótico possível, na medida em que seria aquilo que poderia despertar o apetite para a conjugação sexual e possibilitar então a finalidade maior da reprodução da espécie.⁸

Logo, para quebrar o paradigma que ligava a sexualidade a um fim previamente escolhido, seria preciso considerar que a *genitalidade* do outro sexo seria apenas um dos objetos sexuais possíveis para o sujeito. Assim, o corpo sexual foi fragmentado numa diversidade quase infinita de territórios eróticos, transformando órgãos genitais em apenas alguns dos recantos possíveis que permitiriam o gozo e o prazer.⁹ A sexualidade ampliou-se num conjunto de articulações eróticas, em diferentes lugares da geografia erótica do corpo, aos quais Sigmund Freud denominou de zonas erógenas. Qualquer fragmento da superfície corpórea poderia ser considerado fonte potencial para a produção erótica, pois poderia se circunscrever como zona erógena.¹⁰ Ao encarar a sexualidade por meio de uma leitura não-biológica, Sigmund Freud relacionou a(s) sexualidade(s) com a subjetividade, na medida em que:

passou a conceber que o sexual se inscreveria no registro da fantasia, não estando ligado diretamente a uma experiência traumática de sedução, que produziria então uma transgressão na ordem vital. Ao deslocar o erotismo do real do trauma para o plano do fantasma, Freud inaugurou uma outra leitura

³Cf. HUNT, Lynn (org.) *A invenção da pornografia*. Obscenidade e as origens da modernidade 1500-1800. São Paulo: Hedra, 1999.

⁴PARKER, R. G. op. cit. p.203.

⁵Id., p.161.

⁶GUATTARI, F.; ROLNIK, S. op. cit. p.280.

⁷BIRMAN, Joel. Erotismo, desamparo e feminilidade: uma leitura psicanalítica sobre a sexualidade. In: LOYOLA, Maria Andrea (org.) *A sexualidade nas ciências humanas*. Rio de Janeiro: Eduerj, 1998. p.97.

⁸BIRMAN, J. op. cit. p.108.

⁹Id., ibid.

¹⁰FREUD, Sigmund. *apud* BIRMAN, J. op. cit. p.109.

sobre a sexualidade, que rompeu com o modelo instintivista (sic.) e biológico pela tradição. Com isso, o erotismo visaria ao gozo e ao prazer, antes de mais nada, sendo a função de reprodução biológica uma complexificação na economia do sexual. Pelas fantasias o sujeito teria uma atividade sexual desde sempre, que não se superporia ao imperativo da vida, de maneira tal que estes dois imperativos existiriam como séries relativamente autônomas na subjetividade.¹¹

Na análise de Joel Birman sobre o discurso freudiano da sexualidade, “a sedução foi positivamente qualificada, perdendo a sua marca negativa, pois se implantaria pelo calor materno à inscrição originária da sexualidade no corpo infantil.”¹² Não existiria vida biológica sem erotismo, pois ele é que faria pulsar a ordem do organismo. A existência seria de ordem da transmissão para o sujeito, implicando até mesmo o registro biológico da vida.¹³ Na Teoria da Psicanálise, o conceito de erotismo humano:

se funda no desamparo do sujeito e na feminilidade. Em decorrência disso tudo devemos reconhecer que somos desamparados por vocação, pois é o nosso desamparo que nos remete permanentemente para o erotismo, num movimento infinitamente marcado pela circularidade.¹⁴

O discurso freudiano sobre a sexualidade humana não foi, necessariamente, um método libertador, já que “não se pode esperar tais efeitos de uma simples prática médica nem de um discurso teórico, por mais rigoroso que seja.”¹⁵ É bom lembrar que o tema não se reduziu a Freud; outros psicanalistas ampliaram a noção de erotismo dentro do percurso da Psicanálise.¹⁶

Michel Foucault denunciou o conformismo de Sigmund Freud, de sua normatização da Psicanálise e “todos os efeitos de integração assegurados pela ‘ciência’ do sexo ou as práticas, pouco mais do que suspeitas, da sexologia.”¹⁷ Dessa forma, tornou-se possível encarar este campo de conhecido dentro dos pressupostos da cientifização do sexo, onde a vontade do saber passou a ganhar os contornos da prudência médica no retiro e nos

murmúrios do divã. Este mesmo autor permitiu ampliar a questão da sexualidade e de seus poderes ao deslocar a tese de repressão sobre o sexo para a da inserção do sexo em discurso. Na *História da Sexualidade*, seus questionamentos incidiram sobre a constituição da sexualidade como conceito, buscando perceber em que medida o discurso sobre o sexo foi aprisionado, perscrutado em uma perpétua espiral de poder-saber-prazer.¹⁸ Segundo ele, a vontade de saber sobre o sexo intensificou-se a partir da Idade Contemporânea, enquanto técnicas de poder proliferavam na forma de instituições como a Igreja, a escola, a família ou outros mecanismos de produção de verdade. A constituição de novos saberes, entre eles a Psicanálise do século XIX, operava não no silêncio das práticas sexuais, mas no poder da revelação das mesmas. Por essa razão é que o filósofo argumentava ser necessário “considerar esses mecanismos positivos, produtores de saber, multiplicadores de discursos de prazer e geradores de poder.”¹⁹

Os estudos sobre erotismo costumemente eram restritos ao universo da estética. Dois autores contribuíram para que o tema, antes sinônimo de excesso e destruição, passasse a ser interpretado sob a ótica do prazer, do saudável e da produtividade, numa inversão discursiva que fez com que o erotismo viesse a ser entendido como parte da potência de vida.

Nesse sentido é que Georges Bataille (1897-1962) considera o erotismo como uma experiência que permite ao indivíduo ir além de si mesmo, superando a descontinuidade que condena o ser humano. Para este autor, o erotismo é a “aprovação da vida até na morte”²⁰ e tem três formas: o erotismo dos corpos, o erotismo dos corações e o erotismo sagrado. O erotismo dos corpos tem, de toda maneira, qualquer coisa de pesado, de sinistro: “Ele dissimula a descontinuidade individual e é sempre um pouco no sentido do egoísmo cínico.”²¹ Contudo, “o erotismo dos corações é mais livre. Se ele, aparentemente se separa da materialidade do erotismo dos corpos, ele dela procede na medida em que é apenas um de seus aspectos estabilizado pela afeição recíproca dos amantes.”²² Já o erotismo do sagrado, “em sua forma familiar no Ocidente [...] se confunde com a busca, exatamente com o amor de Deus. Em outros termos, ele é dado na experiência mística, onde, dessa forma, quer somente que nada incomode o sujeito.”²³

¹¹Id., p.103.

¹²Id., p.105.

¹³BIRMAN, J. op. cit. p.125.

¹⁴Id., p.130.

¹⁵Id., ibid.

¹⁶Podemos citar nesse sentido os trabalhos de Lacan que influenciaram novas escolas dentro da psicanálise.

¹⁷FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, 1993. p.11.

¹⁸Id., p.16.

¹⁹FOUCAULT, M. op. cit. p.71.

²⁰BATAILLE, Georges. *O erotismo*. São Paulo: ARX, 2004. p.20.

²¹Id., ibid.

²²Id., p.32.

²³Id., p.38.

Ainda conforme Georges Bataille, o erotismo não é lido objetivamente, mas como um aspecto da vida interior. Ele é o “desequilíbrio no qual o ser coloca a si mesmo em questão, conscientemente.”²⁴ Assim, o conhecimento sobre o erotismo e também sobre a religião exigiria uma “experiência pessoal, igual e contraditória, da interdição e da transgressão.”²⁵

Michel Leiris (1901-1990), contemporâneo de Georges Bataille, também tratou das relações intrínsecas entre erotismo e o embate da vida e da morte. Diferente de seu colega, Leiris parte da análise das *corridas* – as touradas espanholas –, considerando-as exemplo para suas inferências acerca do erotismo. Sua escolha não é aleatória. Para ele, as *corridas* suscitam a

Sensação de que sua função na ordem geral das coisas consiste em nos pôr em contato com o que há em cada qual de mais profundamente íntimo, de mais quotidianamente turvo e mesmo de mais impenetravelmente oculto. Dir-se-ia que tais lugares, acontecimentos, objetos, circunstâncias têm o poder, por um brevíssimo instante, de trazer à superfície inspidamente uniforme em que habitualmente deslizamos mundo afora alguns dos elementos que pertencem com mais direito à nossa vida abissal, antes de deixar que retornem – acompanhando o ramo descendente da curva – à obscuridade lodacenta donde haviam emergido.²⁶

Michel Leiris refere-se a espelhos, instrumentos já presentes no título do livro, já que tanto a tauromaquia quanto o erotismo nos revelam a nós mesmos:

Analisada sob o ângulo das relações que mantém notadamente com a atividade erótica, a arte tauromáquica assumirá, bem se presume, o aspecto de um desses fatos reveladores que esclarecem partes obscuras de nós mesmos, na medida em que agem por uma espécie de simpatia ou semelhança, e cuja força emotiva deriva de serem espelhos que guardam, já objetivada e como prefigurada, a imagem mesma de nossa emoção.²⁷

Enquanto Georges Bataille tomou o erotismo como parte de um processo interior de seres descontínuos marcados pela violência, pela interdição e transgressão, Michel Leiris escreveu sobre o homem do mundo e utilizou da metáfora das touradas para falar sobre o espelho dos desejos mais abissais que irrompem

como potência de vida. Nem por isso seu sentido é menos trágico do que em Bataille. Em ambas as percepções, o enlace entre a vida e a morte faz-se presente, e o erotismo, nessa relação, não se dissocia; ele está lá: “tudo se dá, em suma, nas paragens de um limiar tão estreito quanto o fio de uma navalha, fina zona de interferência ou no *man's land* psicológico que constituiria o domínio por excelência do sagrado: a crista onde se erige o tabu.”²⁸ Michel Leiris afirmava a necessidade de:

incorporar a morte à vida, torná-la de certa maneira voluptuosa (como o gesto do *torero* conduzindo suavemente o touro nas dobras de sua capa ou de sua *muleta*), tal deve ser a atividade desses construtores de espelhos, quero dizer: de todos aqueles que têm por propósito mais urgente agenciar alguns desses fatos que podemos tomar por *lugares onde o homem tangencia o mundo e a si mesmo*, que portanto nos alçam ao nível de uma plenitude portadora de sua própria tortura e de sua própria derrisão.²⁹

Interessante observar que, a partir dos escritos de Georges Bataille e Michel Leiris, é traçada uma leitura do erotismo envolvida na experiência interior de cada um e na visão abissal de outro. Nas narrativas de ambos, o erotismo invade os seres no seu mais íntimo, nem sempre revelado, nem sempre exposto, e “fala”, principalmente, do ponto de vista de quem vê, de quem deseja, de quem opera os sentidos e os percebe como espectadores, participantes do jogo que se encena por meio do erotismo. Para Maria Filomena Gregori, Georges Bataille propõe, portanto, “o nexos entre violência e êxtase erótico, como violação de conteúdos instituídos socialmente, mantendo o dualismo entre atitude masculina/ativa e atitude feminina/passiva.”³⁰

É importante perceber que o entendimento de ambos os autores sobre o erotismo mostra o interesse pela interdição ou transgressão. No entanto, mesmo no transbordamento de alguns limites ditados pela sociedade, e encarados como eróticos, estava carregado de outras representações nem tanto transgressoras, como a presença do dualismo mostrado por Maria F. Gregori.

A presença desse tipo de entendimento sobre o erotismo aparece no processo de constituição das personagens femininas, exibidas pela imprensa como figuras eróticas. Pode-se observar que a forma discursiva do erotismo encontrado principalmente nas novelas segue, em grande medida, o percurso apontado por esses autores.

²⁴Id., p.48.

²⁵Id., p.55.

²⁶LEIRIS, Michel. *Espelho da tauromaquia*. São Paulo: Cosac & Naify: 2001. p. 11-2.

²⁷Id., p.15.

²⁸Id., p.71.

²⁹LEIRIS, M. op. cit. p.75.

³⁰GREGORI, Maria Filomena. Relações de violência e erotismo. *Cadernos Pagu*. Campinas/SP, n. 20. p.95, jan./jul. 2003.

Erotismo e Mídias

Se, como já dito, a TV foi o principal veículo de novas sensibilidades sobre o erotismo no Brasil dos anos 1980, as telenovelas, em primeiro plano, foram vetores para colocar o erotismo em posição de destaque em determinados debates sobre os costumes na imprensa escrita. É interessante perceber as telenovelas numa perspectiva por meio da qual a problematização do tema erotismo não se dava pela obra em si, e sim pelos dispositivos que ela disparava ao constituir o debate que circulava em outras mídias. Assim como ocorre com a imprensa, é relevante considerar o local de onde a televisão fala, tendo em vista as estratégias de agenciamento na perspectiva que Felix Guattari (1930-1992) denominou de capitalismo maquínico, no qual uma cultura de massa produz indivíduos normalizados, articulados uns aos outros, segundo sistemas de submissão dissimulados, onde o que existe é, simplesmente, uma produção de subjetividade que se pode encontrar em todos os níveis da produção e do consumo.³¹ De acordo com o autor: “essa grande fábrica, essa poderosa máquina capitalística produz, inclusive, aquilo que acontece conosco quando sonhamos, quando devaneamos, quando fantasiamos, quando nos apaixonamos e assim por diante.”³²

Se a telenovela fosse tomada desarticulada desses dispositivos a ela exteriores, as objeções da censura estariam invisíveis para historiadoras e historiadores, sem a possibilidade de análise das interlocuções do erotismo entre as novelas e a imprensa. Em *Telenovela, consumo e gênero*, de Heloísa Buarque de Almeida, discute a novela como elemento central no processo de formação de consumidores no Brasil. Sua preocupação também remete às construções de gênero para entender a relação das audiências com as narrativas, personagens e situações retratadas.³³

Na década de 1980, assistiu-se, por meio da TV e da imprensa escrita, à construção de mitos eróticos televisivos e cinematográficos, bem como a uma produção que deixava o corpo feminino em evidência, em biquínis ou roupas mais justas. Uma ênfase sobre o corpo erotizado das personagens interpretadas pelas

atrizes. Sobre seus corpos que o recorte do erotismo é percebido e comentado, diferentemente dos atores, os quais não foram alvo de erotização na década de 1980, pelas obras artísticas e pouco problematizado pela imprensa, salvo raríssimas exceções.³⁴ Por meio de sua aparência, esse corpo “à mostra” tornar-se-ia o elemento fundamental para a construção de outros significados de si, fragmentando-se e sendo fragmentado em partes e linguagens específicas na forma de seios (“peitões”), nádegas (“bundas”), abdômen (“barriguinhas”) e pernas que precisavam de uma intervenção direta e incisiva de diversos setores da sociedade. A exposição corporal nos centros urbanos, especialmente litorâneos, foi ligada, pela mídia, ao erotismo “natural” de brasileiras e brasileiros:

Nestas matas verdejantes, formou-se um povo que ainda adora exibir a nudez, inventar ritmos e danças sensuais e insinuar sexo em quase tudo o que faz. Enfim, o que o brasileiro gosta mesmo é fazer do próprio corpo uma poderosa arma de sedução. A fascinação erótica nacional é respirada em toda parte. No shortinho colante que passeia na calçada, no bumbum que rebola em cima da garrafa, nos corpos masculinos bem torneados nos *outdoors*, nas letras picantes que ressoam nas rádios ou ainda nas cenas de sexo e nas curvas libidinosas das musas da televisão. Poucos lugares no mundo reúnem tantos apelos que convidam ao prazer.³⁵

Esse investimento viu-se apropriado. É o caso da fala da atriz brasileira de TV e de cinema, Isadora Ribeiro³⁶, quando afirma que “vivemos num país tropical e andamos seminus. A sensualidade e o erotismo fazem parte do nosso dia-a-dia”.³⁷ De acordo com a revista *Isto É*, ela

protagonizou um dos marcos do erotismo na tevê, quando emprestou seu deslumbrante corpo às imagens de abertura da novela “Tieta” da Globo, em 1989. Seios, quadris e pernas se dissolviam num redemoinho de areia e sedução e magnetizavam o telespectador.³⁸

Tanto a fala da atriz quanto os comentários da imprensa sobre ela indicam a existência de um processo

³¹ GUATTARI, Felix e ROLNIK, Suely. *Micropolítica: cartografias do desejo*. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

³² Id., p.22.

³³ ALMEIDA, H. B. de. *Telenovela, consumo e gênero: “muitas mais coisas”*. Bauru, SP: Edusc, 2003.

³⁴ A nudez do modelo masculino na abertura da novela *Brega & Chique* (Rede Globo, 1987) foi problematizada e alvo de investimento da censura por conta da inserção de uma folha de parreira ocultando a nudez do traseiro masculino.

³⁵ PEREIRA, C.; VITÓRIA, G. Ser erótico. *Isto É*, São Paulo, n. 1440, p.144. 7 maio 1997.

³⁶ Isadora Ribeiro de Souza nasceu em 13 jun. 1965, em Curitiba, Paraná. Modelo, mudou-se para Rio de Janeiro/RJ, onde gravou a abertura do Programa Fantástico, da TV Globo. Posou para a revista *Sexy* (2001) e para a revista *Playboy*. Por conta dessas fotos, ficou sem contato com a família. Seus principais trabalhos até hoje foram “Brasileiros e Brasileiras” (1990, como Tereza de Ogum), “Pedra sobre Pedra” (1992, como Suzana), “Mulheres de Areia” (1993, como Vera Soares de Azevedo), “A Madona de Cedro” (1994, como Neusa), “Torre de Babel” (1998, como Vilma Toledo), e “Donas de Casa Desesperadas” (2007, como Vera Marques). THE INTERNET MOVIE DATABASE. Disponível em: «<http://www.imdb.com>» Acesso em: 15 maio 2005.

³⁷ PEREIRA, C.; VITÓRIA, G. *op. cit.*, p.144. 7 maio 1997.

³⁸ Id., *ibid.*

de interiorização do estereótipo do erotismo natural brasileiro; um erotismo encarnado numa corporalidade bem demarcada. Um campo de disputas e vontades que convergiram textualidades imagéticas em imagens cristalizadas, não simplesmente de corpos, mas de *corpos sexualizados*, ou seja, que foram potencializados como tal. Ao parafrasear Simone de Beauvoir (1908-1986), podemos considerar que os corpos não nasceram erotizados, mas foram se tornando.

Adriana Piscitelli analisa, no artigo *Sexo Tropical*³⁹, as matérias nacionais que tratam sobre o turismo sexual internacional, buscando inter-relações entre conceitos de raça, gênero e nacionalidade. Nessas matérias, a “cor” está ligada de forma íntima às concepções sobre a feminilidade “nativa” expressas pelos “turistas”, evidenciando pares de oposição como a “morena” brasileira e o “branco” estrangeiro:

Nas matérias, a imagem das “morenas” é associada a um conjunto de atributos nos quais o gênero, entendido como *conceitualizações* que têm como referência o que se percebe como diferenças sexuais, está sempre presente. Elas corporificam o “exotismo tropical”, tornando-se, nas palavras dos “turistas”, de maneira análoga ao clima e às paisagens, a expressão concreta de uma natureza exuberante. Neste sentido, é sugestivo perceber que os termos com os quais são descritos os “paraísos naturais” brasileiros em notas sobre o ecoturismo são, muitas vezes, os mesmos com que são descritas as “morenas.”⁴⁰

De silêncios e práticas vigiadas ao fim de uma censura verticalizada, a erotização — uma textualização da mídia brasileira —, parece ter sido incorporada como realidade, presa a rótulos sensuais “naturais” de todo brasileiro. As imagens observadas na produção cultural de massa e nos anúncios veiculados nos diversos setores de propaganda mostram que houve uma multiplicação discursiva e imagética sobre o caráter erótico do Brasil.

Margareth Rago analisou esse peso usual da sexualidade na construção da identidade brasileira, característica reforçada por parte da historiografia nacional, mas pouco questionada na atualidade. Nos textos por ela estudados há uma explicação para o

comportamento “sexualizante” de brasileiros e brasileiras, teses que o ligam, geralmente, à formação da nação e que, portanto, tornaram-se marcas indelévels de nossa identidade:

O erótico permeia nosso cotidiano, das piadas aos jogos de sedução, das roupas aos comportamentos, nos escritórios ou nos bares. [...] Vivemos uma cultura e sociedade extremamente sexualizadas, em todos os sentidos, inclusive no da violência e a imagem da sexualidade-tropical-do-sul-do-Ecuador não deixa de ser muito estimulada pela indústria do turismo, na exportação das mulatas sensuais, do samba, do carnaval, do tchan e de tudo aquilo que conhecemos muito bem como o imaginário do Brasil Tropical, onde não há limites, só excessos e onde não se conhece o pecado.⁴¹

Para Margareth Rago, a historiografia brasileira de 1920 a 1940 exerceu forte impacto sobre as interpretações do passado nacional. A cultura sexual foi centralizada, “transformando-se em memória oficial, transmitida sucessivamente de geração a geração.”⁴² Desde Paulo Prado (1869-1943)⁴³, Gilberto Freyre (1900-1987)⁴⁴ e Caio Prado Junior (1907-1990)⁴⁵, o destino do país pareceu estar marcado pela prática sexual.⁴⁶ Essa imagem reproduz-se e se reafirma na imprensa com atributo de verdade em relação ao caráter de identidade brasileiro. Obras como *Corpos, prazeres e paixões*, de Richard Parker, permitem tecer, inicialmente, um panorama do universo privado das práticas sexuais, cruzando registros históricos e testemunhos pessoais.⁴⁷ Para ele, Paulo Prado revelava uma relação natural entre a *sedução da terra* e os *sedutores nativos* que libertaram a sensualidade dos jovens exploradores. Richard Parker argumentou que a ênfase nas mulheres nativas, nos prazeres e produtos de seus corpos, em sua sensualidade incontida e sua facilidade em seduzir o macho europeu é crucial na configuração dos mitos de origem do Brasil.⁴⁸

Os meios de comunicação de massa contribuíram para a constituição do *sex appeal* como ideal a ser alcançado nos EUA, na França e na Itália.⁴⁹ Com técnicas codificadas e esforços, o *sex appeal* poderia ser adquirido ou comprado. Alguns dos artifícios utilizados para garantir a aparência desejante eram os

³⁹PISCITELLI, Adriana. *Sexo Tropical: comentários sobre gênero e “raça” em alguns textos da mídia brasileira. Cadernos Pagu*. Campinas, n. 6-7, p. 9-34, 1996.

⁴⁰Id., p.26.

⁴¹RAGO, Margareth. *Sexualidade e Identidade na Historiografia Brasileira. Estudos Interdisciplinares de América Latina y el Caribe*. Disponível em: «http://www.tau.ac.il/eial/XII_1/rago.html» Acesso em: 15 fev. 2005.

⁴²Id., *ibid*.

⁴³PRADO, Paulo. *Retratos do Brasil: ensaios sobre a tristeza brasileira*. 8.ed. São Paulo: Cia das Letras, 1997. A primeira edição é de 1929.

⁴⁴FREYRE, Gilberto. *Casa-grande e senzala*. 2.ed. Rio de Janeiro: Schmidt Editor, 1936.

⁴⁵PRADO Jr., Caio. *Formação do Brasil Contemporâneo*. São Paulo: Livraria Martins Fontes, 1942.

⁴⁶RAGO, M. op. cit. s/p.

⁴⁷PARKER, Richard Guy. *Corpos, prazeres e paixões: a cultura sexual no Brasil contemporâneo*. 3. ed. São Paulo: Best Seller, 1999.

⁴⁸Id., p.39.

⁴⁹PASSERINI, Luisa. *Mulheres, consumo e cultura de massas*. In: DUBY, Georges; PERROT, Michelle. *História das mulheres no ocidente: o século XX*. Porto: Edições Afrontamentos/São Paulo: Ebradil, 1995. p.365.

seios grandes (e falsos) e as cinturas (forçadamente) finas, que construíam uma história cuja performance tem ligado a sensualidade individual a corpos jovens, belos e bronzeados. A construção de corpos por meio da interlocução da mídia incidiu sobre uma juventude peculiar, que se dirigia cada vez mais ao infantil, ao precoce, à idéia de um eterno “quase adulto”. Luisa Passerini observa um processo de “juvenilização” do conteúdo dos filmes e do público, que teria ocorrido durante o declínio da produção clássica de Hollywood (até a década de 1950), irradiando-se para outros países além dos EUA. Ao mesmo tempo em que as salas de exibição ganhavam um público mais juvenil, em contrapartida, grande parte dos adultos das áreas suburbanas incrementavam seu consumo por entretenimento como telespectadores de programas televisivos.⁵⁰

Percebe-se que os discursos apresentados pela revista *Veja* constituem corpos. Portanto, é necessário pensar o corpo dentro da cultura de mídia. Lucia Santaella traça a relação entre corpo e comunicação ao fixar a atenção sobre o efeito de uma crescente complexidade tecnológica. Segundo a autora, o corpo humano passava por transformações nas últimas décadas, transformações que “estavam fadadas a afetar todas as suas dimensões, do físico-fisiológico ao sensorial, afetivo e mental.”⁵¹ Nesse sentido, pretende-se estudar o corpo como sintoma da cultura, procurando tratá-lo como efeito das disputas discursivas e imagéticas de poder relativas às relações de gênero.

Denise Bernuzzi de Sant’Anna afirma, em *Políticas do Corpo*, que o corpo não cessa de ser (re)fabricado ao longo do tempo. A autora aponta que, em relação aos estudos sobre o corpo, é preciso

tornar questionáveis os gestos e as atitudes que ontem e hoje nos parecem familiares ou não. Pois o corpo é, ele próprio, um processo. Resultado provisório das convergências entre técnica e sociedade, sentimentos e objetos, ele pertence menos à natureza do que à história.⁵²

Por sua vez, em *Corpos de Passagem*, Sant’Anna disserta sobre um corpo sem limites no interior de um

totalitarismo fotogênico. Um corpo marcado pela perda da intimidade na demanda por sua exposição. Para ela, essa tendência tem adquirido grande espaço nos anos 1970 e 1980: “Há uma multidão de corpos que parecem estar literalmente sob o sol do deserto, sem abrigo, sem segredo, sem diferença entre o lá e o aqui, esturricados pela exposição midiática, destituída de pausa.”⁵³

Jean-Jacques Courtine lembra que tanto as práticas quanto as representações do corpo na sociedade de consumo de massa são atravessadas por “estratégias multiformes da regulação dos fluxos, das matérias, das energias a incorporar, a canalizar, a eliminar.”⁵⁴ Nesse sentido, cada indivíduo torna-se o gestor de seu próprio corpo, onde todas as técnicas de gerenciamento, florescidas ao longo dos anos 1980, são sustentadas por uma obsessão dos invólucros corporais, ou seja:

o desejo de obter uma tensão máxima da pele; o amor pelo liso, pelo polido, pelo fresco, pelo esbelto, pelo jovem; ansiedade frente a tudo o que na aparência pareça relaxado, franzido, machucado, amarrotado, enrugado, pesado, amolecido ou distendido; uma contestação ativa das marcas do envelhecimento no organismo.⁵⁵

Ao ler Simone de Beauvoir, a filósofa Judith Butler argumenta que,

se as mulheres são apenas seus corpos, se sua consciência e liberdade são apenas umas tantas permutações e necessidade e inevitabilidade corpóreas, então as mulheres têm, de fato, monopolizado com exclusividade a esfera corporal da vida.⁵⁶

As mulheres passaram a encarnar a própria corporalidade como escravidão feminina ligada ao corpo.⁵⁷ Tal materialização relaciona-se com a noção de *performatividade de gênero*, que deve ser entendida “não como um ‘ato’ singular ou deliberado, mas, como uma prática reiterativa e citacional pela qual o discurso produz os efeitos que ele nomeia.”⁵⁸

As normatizações contidas nas notícias e imagens eróticas brasileiras “trabalham de uma forma

⁵⁰Esse processo acentua-se nos EUA ao longo da década de 1950. PASSERINI, L. A juventude, metáfora da mudança social. Dois debates sobre os jovens: a Itália fascista e os Estados Unidos da década de 50. In: LEVI, Giovanni.; SCHMITT, Jean-Claude. (org.) *História dos Jovens*. São Paulo: Cia das Letras, 1996. v. 2. p.368.

⁵¹SANTAELLA, Lucia. *Corpo e Comunicação: sintoma da cultura*. São Paulo: Paulus, 2004. p.10-11.

⁵²SANT’ANNA, Denise Bernuzzi de. (org.) *Políticas do corpo*. São Paulo: Estação Liberdade, 1995. p.12.

⁵³SANT’ANNA, D. B. de. *Corpos de Passagem: ensaios sobre a subjetividade contemporânea*. São Paulo: Estação Liberdade, 2001. p.66-67.

⁵⁴COURTINE, Jean-Jacques. Os Stakhanovistas do Narcisismo: Body-building e puritanismo ostentatório na cultura americana do corpo. In: SANT’ANNA, D. B. de (org.) *Políticas do corpo*. São Paulo: Estação Liberdade, 1995. p.86.

⁵⁵Id., *ibid*.

⁵⁶BUTLER, Judith. Variações sobre Sexo e Gênero: Beauvoir, Wittig e Foucault. In: BENHABIB, Seyla; CORNELL, Drucilla. *Feminismo como crítica da modernidade*. Rosa dos Tempos, 1987. p.144.

⁵⁷Id., p.145.

⁵⁸BUTLER, J. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”. In: LOURO, Guacira Lopes. *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999. p.154.

performativa para constituir a materialidade dos corpos e, mais especificamente, para materializar o sexo do corpo, para materializar a diferença sexual a serviço da consolidação do imperativo heterossexual.⁵⁹ Não se trata de uma materialização discursiva aleatória, mas inserida em relações de poder nem sempre visíveis, nem sempre problematizadas.

Ao longo de toda a década de 1980, a revista *Veja* foi a principal publicação jornalística e informativa de periodicidade semanal e de circulação nacional no país. Ela veiculava, além das notícias nacionais e internacionais, leituras sobre filmes, opiniões sobre telenovelas brasileiras e outras produções culturais, principalmente televisivas, que, por sua vez, eram o principal alvo de comentários de leitores.

A revista tinha presença marcante nas bancas, alcançando tiragem semanal próxima a um milhão de exemplares ao longo da década. Em certa medida, a circulação e a tiragem da revista favorecem o acompanhamento da constituição de discursos sobre o erotismo de uma forma mais ampla, o que não aconteceria se apenas fossem levadas em consideração publicações segmentadas, tais como revistas de comportamento ou femininas, que circulavam no mesmo período.

Ao perceber-se a erotização das produções da mídia nacional no período da redemocratização da década de 1980, a historicidade dos conceitos como centralidade sexual na formação da identidade brasileira permite estabelecer interlocuções inseridas nesse percurso que vai de uma historiografia consagrada, ainda da primeira metade do século XX, e o território da mídia.

Um ponto chama atenção: com a redemocratização da década de 1980, a erotização adotada pelos autores e diretores de novelas (entre outros segmentos televisivos) seria lida como uma forma de liberdade de expressão e, assim, cabível para os novos tempos pós-ditatoriais. Por outro lado, reforçaria um tipo bem demarcado de mulher no estabelecimento de uma encarnação específica e persistente, baseada na “brejeirice” e na fêmea de curvas acentuadas e “voluptuosas.” Portanto, no período em questão, a *Veja* parecia sugerir um olhar no qual o erotismo tinha sua representação ligada ao corpo feminino e direcionada a um público masculino que passava a desejar *ter* esse corpo, ao mesmo tempo em que existia um público

feminino que passava a desejar *ser* esse mesmo corpo. Além disso, é preciso observar as tensões na comunidade artística, em setores como a Igreja Católica e os partidos políticos, que apontaram “abusos” que passaram a ser liberados pela Constituição de 1988.⁶⁰

A crítica feminista embalada pelo Movimento Feminista dos EUA nas décadas de 1960 e 1970 foi considerada como uma das vozes interlocutoras importantes no processo de discussão da sexualidade na opinião pública. É bom lembrar que o questionamento sobre os cuidados com a aparência e a vestimenta feminina foram objeto de contestação por conta da problematização dos estereótipos que ligavam as mulheres a traços de feminilidade, o que passou a ser um dos temas importantes para as feministas.⁶¹ No Brasil, a crítica dos abusos sobre a exposição e exploração da imagem de mulheres foi uma das práticas das diversas organizações e publicações feministas que circularam durante os anos 1980. No entanto, na revista *Veja* essas vozes não tiveram espaço.

Dentre os dispositivos produtores de saber sobre o sexo e o erotismo, a imprensa teve papel decisivo, tanto na divulgação como na repetição de seus anúncios. O universo da mídia no campo cultural não é estático. Para Michel de Certeau (1925-1986), a cultura situa-se no flexível, na análise que desliza, que se espalha sobre a incerteza.⁶² Para ele,

cultura é o campo de um neocolonialismo; é o colonizado do século XX. [...] Trustes racionalizam e tornam lucrativa a fabricação de significados; enchem com seus produtos o espaço imenso, indefeso, e semiconscente da cultura.⁶³

É possível argumentar, então, que a fabricação de significados incide sobre o desejo que se espalha pelas produções de mídias brasileiras. Michel de Certeau argumentou que qualquer linguagem, uma vez falada, implica pontos de referência que tornam possível uma elaboração comum de uma história, de uma iconografia, de uma “articulação de autoridades.”⁶⁴ A cultura (ocidental) midiaticizada está relacionada a “todas as formas de necessidade, todas as fendas do desejo [que] são ‘preenchidas’, isto é, inventariadas, ocupadas e exploradas pela mídia.”⁶⁵ Mostra-se relevante, dessa maneira, trabalhar com a mídia “dentro de seu próprio

⁵⁹Id., *ibid.*

⁶⁰O ano foi marcado pela Assembléia Constituinte e a imprensa nacional deu publicidade às disputas de interesses partidários, bem como a diversos movimentos sociais.

⁶¹Incluía-se, nesse sentido, os artigos de beleza (cosméticos, depiladores, secadores de cabelo, entre outros). Para as feministas norte-americanas, o direito de ter liberdade de escolha sobre sua aparência (a ideologia da livre escolha) e o utilitarismo marcaram época. Cf. WILSON, Elisabeth. *Enfeitada de sonhos*. Moda e modernidade. Lisboa: Edições 70. p.314.

⁶²de CERTEAU, Michel. *A cultura no plural*. Campinas: Papirus, 1995. p.233.

⁶³de CERTEAU, M. op. cit. p.234.

⁶⁴Id., *ibid.*

⁶⁵Id., *ibid.*

funcionamento, observando os signos que difunde, seu discurso, sua capacidade de constituição de sujeitos.”⁶⁶ A produção de seus signos passa também pela publicidade que, ao longo do século XX, foi estabelecendo forte relação com a mídia impressa. A publicidade contribuiu para que antigas regras da vida privada entrassem em queda vertiginosa.⁶⁷ Em alguns momentos, ela alimentou o desejo de modernidade, colocando-se em contraponto ao 'antigo'. Em outros, centralizou a adesão de bens de consumo legitimando o desejo como permissão relacionada ao prazer, ou, ainda, valorizando signos relativos à independência como metáfora.⁶⁸

Na publicidade produzida desde o início do século XX, o corpo feminino tem sido identificado com grande apelo comercial. Sua visibilidade tem-se dado de maneira mais explícita para as mulheres do que para os homens, embora, desde a década de 1960, haja um aumento da presença masculina na publicidade e no cinema.⁶⁹ Mas as imagens produzidas para os corpos masculinos estão colocadas em outras relações, que não reforçam um caráter dúbio, como ocorre com a imagem das mulheres.

Para Luisa Passerini, o caráter de duplicidade (de auto-afirmação e subordinação) é recorrente na produção da cultura de massas. Nesse sentido, a figura feminina:

surge de fato na cultura de massas contemporânea como sujeito potencial e como objeto, utilizando tanto sugestões provenientes de estímulos libertadores políticos e sociais quanto tradições e permanências de velhos estereótipos sobre as mulheres no seio da cultura ocidental”⁷⁰

A cultura de massas, portanto, não é conivente com um único sexo, mas opera modelos de reformulação e subordinação das mulheres, graças, também, aos novos comportamentos e modos de pensar que pairam no social.⁷¹ Interessante perceber a relação entre a produção da cultura de massas no Brasil ligada ao erotismo, levando-se em consideração que a “fortuna da cultura de massas depende das escolhas de mulheres e homens que

estão redefinindo a combinação entre feminino e masculino corporizada por cada indivíduo.”⁷²

Ao pensar nas produções da mídia e sobre as leituras que se fazem delas, Roger Chartier ampliou a noção de leitura como prática cultural. Para o autor, os atos de leitura “dão aos textos significações plurais e móveis” na medida em que são múltiplas as maneiras de ler (coletivas ou individuais) e do que ele chama de *protocolos de leitura* depositados no objeto que indicam a compreensão de seu texto tanto pelo autor quanto pelo impressor (das formas tipográficas). Os objetivos explícitos ou inconscientes encontram-se em conformidade com os hábitos de seu tempo.⁷³

Conforme Jean Hébrard, o trabalho da leitura é também um “processo de produção de sentido no qual o texto participa mais como um conjunto de obrigações (que o leitor toma mais ou menos em consideração) do que como estrita mensagem.”⁷⁴ Maria Helena Rolim Capelato, possibilita compreender como viveram as pessoas registradas nas folhas encadernadas de jornais e revistas,⁷⁵ cenas da vida cotidiana em seus múltiplos aspectos e sujeitos. O uso do impresso, de acordo com Roger Chartier, remontaria uma forma antiga de ler: “o impresso, freqüentemente manuseado, recortado, colado, transcrito, modelo de expressão mais pessoal, impõe sua definição de verdade, organiza os esquemas de percepção e apreciação do mundo exterior.”⁷⁶

A produção da mídia sobre a sociedade (re)produz uma rede complexa na qual os

jornalistas acreditam tratar os problemas que interessam à opinião pública, e a opinião pública acredita nos jornalistas enquanto não se tornam maçantes ou cansativos. E, para não cansar, é preciso personalizar. Entre a mídia e o público, a comunicação substitui a informação.⁷⁷

É possível perceber que a produção da mídia (jornalística ou artística) tem costumeiramente levado temas como a erotização para a opinião pública debater, à procura de temas que nos identificam, que nos personalizam. A atuação da imprensa não pode ser

⁶⁶MENEGUELLO, Cristina. *Poeira de estrelas: o cinema hollywoodiano na mídia brasileira das décadas de 40 e 50*. Campinas: Ed. da Unicamp, 1996. p.35.

⁶⁷PROST, Antoine. Transições e interferências. In: ARIES, Philippe; DUBY, Georges. *História da vida privada: da Primeira Guerra a nossos dias*. São Paulo: Cia das Letras, 1992. v. 5. p.148.

⁶⁸FORNAZARI, L. R. op. cit. p.42.

⁶⁹PASSERINI, L. Mulheres, consumo e cultura de massas. In: DUBY, G.; PERROT, M. *História das mulheres no ocidente: o século XX*. Porto: Edições Afrontamentos/São Paulo: Ebradil, 1995. p.383.

⁷⁰PASSERINI, L. op. cit. p.381.

⁷¹Id., p.385.

⁷²Id., p.386

⁷³CHARTIER, Roger. Do livro à leitura. In: _____ (org.) *Práticas de leitura*. São Paulo: Estação Liberdade, 1996. p.78.

⁷⁴HÉBRARD, Jean. O autodidatismo exemplar. Como Valentin Jameray-Duval aprendeu a ler. In: CHARTIER, R. (org.) *Práticas de leitura*. São Paulo: Estação Liberdade, 1996. p.37.

⁷⁵CAPELATO, Maria Helena Rolim. *Imprensa e história do Brasil*. São Paulo: Contexto/EDUSP, 1988. p.21.

⁷⁶CHARTIER, R. Do livro à leitura. _____ (org.) op. cit. p.88.

⁷⁷PROST, A. op. cit. p.149.

pensada, portanto como informativa, ou ainda imparcial, tem um papel mais direto e profundo com o público leitor principalmente na constituição de verdades e vontades.

A erotização dos corpos debatida pela imprensa dos anos 1980 é específica; trata de uma vontade de saber sobre as práticas e relações de homens e mulheres; mas sob um foco ampliado a alguns traços que lhe dão esse status. O discurso produzido não se remetia a todos os indivíduos. Ele esteve destinado “a poucos” na medida em que alcançar os padrões que ligavam estética/plástica corporal com o erotismo se mostravam, na grande maioria das vezes, difíceis de conseguir. Contudo, foram difundidos para o grande público na produção de subjetividades das práticas de si, em relação ao erotismo produzido pelos mesmos dispositivos. Mesmo entendendo que no processo de subjetivação as imagens são percebidas e apreendidas de diferentes maneiras, é inegável que a proliferação dos mesmos argumentos estão produzindo corpos que, no final, importam mais do que outros.

Artigo recebido em: 02/06/2009

Aprovado em: 25/09/2009